

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

## ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. . . . . 500 réis  
Avulso . . . . . 20 »  
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

## Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva de Manoel F. Lemos  
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.  
Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

## Hontem e hoje

Quem não soffrer de amnesia politica deve recordar-se que nas vespersas do regicidio toda a *rotativagem* punha as suas esperanças na republica, como indispensavel solução para o restabelecimento das liberdades publicas e como garantia unica da ordem e da tranquillidade.

Hoje, porque desapareceu um homem que foi substituído por uma creança, que figura cercada de um aureola de bondade e intelligencia, já a mudança de instituições offerece todos os perigos, e o seu *patriotismo* estremece horrores á ideia de revolução. Que filtros maravilhosos não terá o poder para assim virar as consciencias!

Mas venham cá e não fujam adilemma. Ou commettiam um crime de lesa-patria, quando lhes sorria e auxiliavam a solução republicana, ou servem agora a mais refalsada hypocrisia, quando, pela sua imprensa, affirmam perigos que sabem não existir. Ou hontem sujeitavam os destinos da Nação aos seus caprichos e interesses, ou hoje defenem o poder, soccorrendo-se de velhos *trucs*, de que não estão convencidos. Ou hontem eram traidores, ou hoje são falsarios.

Julgar tapar-nos com a radiosa rocidade do rei e a sua nulla responsabilidade nos factos de concussão, mas são justament os régios dezoito annos umas das razões condemnatorias do systema, é a sua inexperiente juventude, que nós no queremos a governar um ovo, que tem no seu seio homens encanecidos no estudo, rovados na intelligencia e experimentados no caracter: saios e probos.

Pois dare-ha o caso de que alguem possa fiar da incerta e hesitante direcção de uma creança que dizem sym-

pathica e loira, a radical mudança nos processos governativos?!

Depois como tem o governo demonstrado o firme proposito de introduzir a honestidade e a competencia nos negocios publicos? em confeccionar orçamentos falsos? em encobrir o deficit? em querer *escamotear* a liquidação dos adeantamentos? quem os não viu, a todos, grandemente indignados contra o modo, como João Franco os liquidou? quem se não aqueceu ao rubro calor de moralidade, que irradiou da sua imprensa? quem não rejubilou com os fremitos de justa indignação, que os fez apresentar propostas radicaes nas assembleias geraes dos seus partidos?

Hoje assiste-se enojado — mas não surprehendido — a essa marasmatica inacção do poder executivo, que é symptomatica de impotencia administrativa.

No parlamento é a pequena opposição quem revela esforçado trabalho e amor do seu paiz na apresentação de projectos de lei, que merecem os elogios das maiorias e até dos ministros. O governo exhaure-se com as medidas do milho e do centeio, que, na nossa opinião, longe de servir para mitigar a fome, vêm locupletar meia duzia de açambarcadores sordidamente ambiciosos, o que em parte a pratica já mostrou. As maiorias têm revelado uma assombrosa mediocridade, produzindo discursos inspidos e estereis, senão contraproducentes, *mesmo* sob o ponto de vista de defeza do regimen. Onde a sua fecundidade tem excedido a do mar é na apresentação de moções de confiança, fazendo lembrar alegremente aquellas mulheres perdidas, que apregôam insistentemente a sua honestidade.

Mas terá havido regeneração nos processos administra-

tivos? infelizmente tambem não.

Negoceiam-se soffrimentos a sete por cento (!), que se furtam á discussão parlamentar!

Os *adeantamentos*, que promettem liquidar a toda a luz de uma discussão ampla e documentada, mettem-nos *surrateiramente* no projecto de fixação da lista civil!

Em materia de liberdades publicas continua em plena laboração a *Bastilha*, que prende cidadãos por falsas e infidedignas denuncias, mantendo-os incommunicaveis *ilimitada e arbitrariamente*. Enxovalhados e soltos, porque nada se apurou, ninguem os indemnisa dos prejuizos materiaes, nem é reparado o soffrimento moral.

A *pita*, que na opposição empunhavam para cortar a face á corregedoria, jaz enovelada em recondita algibeira, que não vá o senhor corregedor utilisal-a em açoutar os seus antigos accusadores. Incorrigiveis os homens por culpa do systema, que trouxe aleijão congenito.

Philodemo.

## A OBRIGA

### A Crise Duriense

O Douro sofre da não colocação regular dos seus productos enologicos, mal que não ha-de ser facil vencer. Os seus vinhos não tem saída, e não somente por culpa da rejião concorrente do sul; entram nos factores da desanimação do mercado causas diversas, outras e bem mais custozas de solução. Com o *Port* concorrem nos mercados externos, victoriosamente, as marcas francezas varias, estrangeiras, de vinhos leves, pouco alcoolicos, baratos, aconselhados preferentemente pela propaganda medica que universalmente desadora os vinhos de gradação elevada, favorecidos por pautas de minimo *ad-valorem*; e, emfim, melhor aceites pelo consumidor pela modicidade de preços.

Não são os productos superiores, maravilhosos e unicos que nós (isto é, o nosso solo e o nosso sol) possuímos, e exportamos; porem o Gironde ou o Val-

de Peñas custam um terço, ou a metade do *Port*, e isso é o que, em ultima instancia, decide a escolha dos bebedores que, aliaz, vão rareando . . . na Inglaterra, paz classico dos borrachões.

Isso prejudica mais a viticultura do Douro do que podem prejudicial-o os agravos da concorrência do vinho do Ribatejo.

Contra o estrangeiro é que deveriam ser as medidas de exclusão e rigôr, se tal intuito — fosse possivel.

Não é, e como seja preciso achar em casa o remedio toca a lembrar e a exigir privilejios, que são os indefensaveis, verdadeiramente antipaticos e injustos.

Um, é o deliberado proposito da prohibição de venda ao norte de Aveiro a todos os vinhos do sul e centro. Isto, é tornar-nos dependentes e tributarios de um monopolio do Douro que nada nos dá, em compensação.

Contra tal, de todo em todo, nos revoltamos; porque tanto para nós é ruinoso, é inaceitavel, — alem de iniquo.

Essa rejião consumidora de vinhos tem o direito de os comprar onde melhor lhe convenha, e com o sul e o centro tem transações mercantis de reciprocidade que não pode, parece-nos, sacrificar, por bem que a sua crise o mereça, ao Douro.

Quase de nossa casa é a Bairrada que tambem sofre as agruras da mesma crise e, se razões de proximidade valessem, mais que o Douro ou que qualquer outra, essa rejião poderia exigir entre nós o exclusivo da venda. Mas isto é puramente fantastico, e apenas é perdoavel porque é uma razão da fome. Nós não nos insurjimos, combatendo neste particular, contra o Douro; não o acuzamos de desmandos de egoismo, na sua pressa de se safar da rascada. Simplesmente dizemos que a intenção de *obrigar-nos* a beberriar, exclusivamente, o seu producto não lha aceitamos, porque seria, tal, incomportavel imposto para a nossa economia rejional.

Crise tambem a nós sofremos e crise da fome — cronica.

Ninguem nos vale, nenhuma voz, nunca, humilde ou alta, se ergueu a nosso favôr. Somos uma vila de pescadores e emigrantes, não temos terra avonde, o nosso comercio a poucos dá a abastança, as nossas industrias ou morrem ou se restringem, e o balanço total, dada a soma dos annos pelos outros é de miseria, catastrofes, privações, definhamento Ah! não especulamos com a miseria para comover ou para fazer estilo . . . Somos desleixados em reclamar, o Douro cumpre o seu dever tratando de encontrar

valimento, protecção, auxilio. Está bem e é legitimo que cada qual se defenda. Nós simpatizamos com ele, e o que é mais, temos interesse directo na solvencia da sua crise. E' um nosso consumidor, um nosso comprador de pescado — mas nós, nem só do Douro vivemos.

Outras inter-dependencias ha entre o nosso agregado e outros povos diversos, e razões ha, fora dessas, que nos obrigam a rejeitar um monopolio que, tarde ou cedo, se torna — abuzo.

Não, nunca poderemos aceitar, a parte de uma exigencia que, embora de salvação, — nos entraria, para beneficio exclusivo de um outro, na economia e nas aljibeiras.

Antonio Valente.

## ECOS DA SEMANA

### «A Ilha do Diabo».

Padua Correia, distincto publicista vem na «Voz Publica» do Porto, denunciando ao nosso horror o que é aquela Timor, para onde se expdem os delituzos do *crime do pensamento*. O que aquilo é de infamissimo, e de *Jardim dos Suplicios!* Ah leitor! Por nosso perfido e negredado inimigo que fosses não te desejaríamos, nem uma hora, . . . em tal in-pace.

### Homeopatia Real

De Bruno, em transcrição da revista Portugal e Brazil, publicação de S. Paulo:

«Dando de barato que os sete primeiros duques de Bragança fossem de origem puramente portugueza, temos:

D. João 4.º, o Restaurador (que nada restaurou), casou com a espanhola D. Luiza de Gusmão (1.ª dinamisação).

D. Pedro 2.º — portuguez, espanhol — casou em segundas nupcias com a palatina D. Sofia (2.ª dinamisação).

D. João 5.º — portuguez, espanhol, bavaro — casado com D. Maria d'Austria (3.ª dinamisação).

D. José 1.º — portuguez, espanhol, bavaro, austriaco — casou com D. Maria Victoria, de Castela. (4.ª dinamisação).

D. Maria 1.ª — portugueza, 2 vezes espanhola, bavara, austriaca — casou com seu tio D. Pedro, e de mais a mais padre! casamento incestuoso e irritado (5.ª dinamisação).

D. João 6.º — portuguez, 2 vezes espanhol, bavaro, austriaco — casado com a espanhola D. Carlota Joaquina (6.ª dinamisação).

D. Pedro 4.º — portuguez, 3 vezes espanhol, bavaro, austriaco —

casou com D. Leopoldina d'Austria (7.<sup>a</sup> dinamisação).

D. Maria 2.<sup>a</sup>—portuguesa, 3 vezes espanhola, bavara, 2 vezes austriaca—casou com D. Fernando, de Saxe-Coburgo (8.<sup>a</sup> dinamisação).

D. Luiz 1.<sup>o</sup>—portuguez, 3 vezes espanhol bavaro, 2 vezes austriaco, italiano, allemão—casou com D. Maria Pia de Saboia (9.<sup>a</sup> dinamisação).

D. Carlos 1.<sup>o</sup>—portuguez, 3 vezes espanhol, bavaro, 2 vezes austriaco, italiano, allemão—casou com D. Amelia, franceza (10.<sup>a</sup> dinamisação).

D. Manuel 2.<sup>o</sup>—portuguez, 3 vezes espanhol, bavaro, 2 vezes austriaco, italiano, allemão, francez (11.<sup>a</sup> dinamisação).

Que restará pois, de sangue portuguez ao actual rei?

Supondo mesmo que em cada enlace a qualidade existente em cada progenitor se reproduzisse no descendente dividida por 2, termos que o rei remanece possuirá

— ávos de sangue portuguez, quando muito; o serum, e este mesmo sem saes nem albumina. Agua e nada mais, sem valor nem utilidade.

Agora, vespuras da comemoração da guerra da independência, quando o renascimento se esboça sacudindo a velha alma lusitana, bom será que, aquelles *bravi*, que com a santa palavra—patria encham a boca e o ventre, leiam e o fiquem sabendo: D. Manoel 2.<sup>o</sup>, rei de Portugal, não é portuguez.

Nem com uma gota de sangue, nada que seja o nosso ramo ethnico. Producto da mais degenerescente panmixia, biologicamente, historicamente, D. Manoel 2.<sup>o</sup> rei de Portugal; — não é portuguez! Ora vejam os patrioticos!...

### Pobreza... Real.

«LONDRES, 12—Os bens que possuía em Inglaterra o rei D. Carlos, falecido «ab intestato», foram avaliados na quantia de 16:691 libras e terlinas. Entra na posse d'estes bens sua magestade a rainha D. Amelia».

Seten a contos e pizo. O que é a indscrição das agencias! Nós que o cuidavamos na miseria negra, a pão e batatas, consoante reza o arrazoado do decreto dos adeantamentos:

—Ad Majorem Rejis Gloriam.

### Interesses municipaes

#### III

Como dissemos no anterior artigo, afigura-se-nos que, para resolver com toda a vantagem o problema *hospital cadeias*, é absolutamente necessario reparar a assistência publica da administração camararia, não só porque é ramo que pela sua vastidão e complexidade merece ser especializado, mas ainda porque a camara não tem nem pôde ter os recursos necessarios para provêr a uma tão larga e proficua assistência, como carece a nossa terra.

Por outro lado o caracter sempre *sectarista* das nossas edificações obsta aos impulsos da generosa caridade individual, que se retrai pela suspeição, embora illegitima, de que os seus legados irão cair n'uma gerencia adversa e portanto antipathica, que os desvie em serviço da *politica*.

Naturalmente, desde que os ins-

titutos de saúde e beneficencia publicos se tornem independentes, isto é, tenham uma administração autonoma, os legados e os obolões não se farão esperar, pois não podemos fazer a esta terra a injustiça de a exceptonar das praticas altruistas, antes lhe notamos sob esse ponto de vista uma grande corrente, que nos parece dever ser melhor orientada e conduzida a fins verdadeiramente uteis. Assim seria para desejar que se constituísse desde já uma grande commissão composta de homens respeitaveis de todas as parcialidades, a qual lançaria os fundamentos de uma Misericordia. Activada a propaganda *intus et extra*, os donativos recolhidos constituiriam a *dotação fundo* do estabelecimento.

A camara concorreria com a construção da *casa hospitalar*, transferiria *sem mais despeza* o serviço clinico, bem como todo o material existente e, além d'isso, daria um *subsídio* igual ao dispendio *agora* feito até á liberação do legado Ferrer. Em rezumo *oneirar-se-hia unicamente* com a construção do hospital, o que se hade vêr obrigada a fazer dentro de um prazo relativamente curto, se continuar com a sua administração.

Para ajuda do custo já se acham realisados, na nossa hypothese, aquelles *quatro contos* provenientes da apropriação do actual hospital a prisões.

Não se venha argumentar com a *urgencia* das cadeias, porque igualmente *urgente* é um hospital novo e sufficiente e não pôde ser uma questão de tempo obstaculo bastante para se oppôr á execução de um plano de melhoramentos necessarios. Quem espera ha tantos annos, não desesperará com uma delonga de mais um ou dois.

Arrede se tambem a objecção de difficuldades de ordem tecnica dependentes da acção tutelar do governo, porque ha maneiras de as remover, caso haja boa vontade.

As condições do legado Ferrer tambem não podem pôr embaraço, porque a mudança de applicação tanto se consegue d'um modo como do outro.

Posto isto, vejamos os meios de que a camara poderia lançar mão para a realisación d'este plano.

Já que infelizmente a nossa camara, que foi uma das mais ricas do paiz, se acha collocada nas circumstancias de *passar á feira*, todas as suas despezas, porque os recursos escasseiam, sobram as razões para que nada se perca do que possa constituir receita, pon-do de parte *compadrios* ou interesses de facção.

Assim começaremos pelo importantissimo imposto da *prestação de trabalho*.

Rigorosa e equitativamente lançado, posto de lado o *favoritismo* politico, bem aproveitado, em Ovar este imposto representa uma boa somma de contos de réis, quer em trabalho prestado, quer em trabalho remido. Em qualquer dos casos é um grande capital realisado, que actualmente muito mal se arrecada e que quasi dirimiria as difficuldades na utilização do nosso plano.

Outra grande fonte de receita seria a criação do *imposto de piso*. Socegum os conspicios mestres em philancia e não esfreguem as mãos de contentes por nos vêrem a patentear a nossa atrevida ignorancia em lembrar projectos, que só cabem no dominio da phan-

tasia. Nós bem sabemos que no estado actual dos nossos mercados a fiscalisação de tal imposto seria muito difficil e daria margem a abusos e injustiças, absorvendo os agentes fiscaes com os ordenados a receita, quando a não excedessem.

Mas é que a criação do imposto traria a condição indispensavel da construção de *mercado fechado*, onde fosse obrigatoria a venda e compra de certos generos, e d'este modo se facilitaria a fiscalisação, quer por parte da camara (ou arrematante) quer por parte da auctoridade sanitaria.

Valeria talvez a pena contrahir emprestimo e construí-lo por administração directa, porque o resultado seria seguro, mas se tal não pôde fazer-se, não faltará quem queira *arriscar-se* a empregar capital n'uma empreza de exito certo. Entregue-se a uma companhia a construção e exploração do mercado mediante uma renda annual razoavel e progressiva periodicamente.

Citaremos ainda mais uma fonte de receita: a *arrematação do apanhadiço* dentro da villa, que nos parece dever produzir umas centenas de mil réis com a vantagem da limpeza das ruas. Claro está que isto deveria ser bem condicionado. E não se diga que isto é uma questão... de estrumes porque uma questão identica deu origem a paginas sublimes dos Miseraveis.

N'esta altura lembraremos que estrumes nas mesmas circumstancias e n'outras localidades deverão ser arrematados, não havendo, a nosso vêr, nada que justifique o desprezo de verbas, que não pôdem ser subtraídas ao cofre camarario.

Queremos por ultimo fallar n'um imposto, que já foi creado e muito justamente, e depois por falta de energia moral ou subscrevendo á *regedoria* retirado da execução: o imposto de *acostagem e descarga* nos caes do concelho pelos barcos de fóra. Outros meios surgirão porventura na mente dos experimentados para *indirectamente* se augmentarem os redditos municipaes, mas estamos convencidos que estes são sufficientes para occorrer á amortisação de um necessario emprestimo. Estamos d'aqui a vêr os pseudo-economos a abanar a cabeça á ideia de emprestimo, mas nenhum d'elles deixaria talvez de, para não recorrer ao credito, fazer nas suas propriedades melhoramentos que, beneficiando-as, trouxessem o compensador rendimento. E no nosso caso trata-se de obras impercendiveis á boa economia do concelho.

Por ultimo fallaremos—e sem repugnancia—nas *contribuições directas*.

Que razões fortes de ordem moral ou material se lhes pôde oppôr, se são para fins, que aproveitam immediatamente á collectividade? se queremos os melhoramentos, como nos havemos de negar a concorrer para a sua realisación?

Fabio Cunctator.

### CHRONICA AGRICOLA

#### VI

#### Flôres e fructos—Milho e batata

N'uma das chronicas anteriores disse eu que nas flôres havia órgãos masculinos e femininos, e que da fecundação d'estes nasce o fructo que é gerado n'um ovario.

E' necessario, repito, que essa união dos elementos masculino e feminino se dê para que haja o fructo; e esses órgãos acham-se tão diversamente dispostos nos diferentes vegetaes e é n'estes tão variada a sua floração que em alguns a affirmativa de que elles possuem flôres vos fará sorrir.

Por exemplo: a videira, o milho e sobretudo—a figueira.

N'esta epocha ha na videira a *escaruna* ou *alimpa* como vulgarmente lhe chamam e que é a queda da flôr da videira; sente-se até na epocha da floração um aroma agradável, junto das vinhas e que é devido á sua flôr. Deixando a da figueira que para nós pouco interesse tem, vamos fallar da do milho. Todos os lavradores sabem que cortando a bandeira antes d'ella estar *madura*, isto é, com um pó amarello a despegar, a produção não é tão boa. Ora na bandeira estão as flores do milho que contem o pó fecundante que cahindo nas *barbas* da espiga, fazem desenvolver o grão. Em Ovar ha já uma curiosa e casual experiencia: alguns lavradores usam semear nas covas das melancias uns pés de milho; feito isto n'um quintal vedado e distante dos milharaes o lavrador cortou a bandeira ainda verde, sem ter o tal pó amarello, suppondo que isso nenhuma influencia teria na produção. Pois apesar dos pés de milho terem uma força extraordinaria, *nem um só grão continham as espigas*.

E' certo que alguns as cortam antes do tempo e sempre colhem algum fructo; mas é que então a fecundação é feita por o pollen dos milharaes que estão junto a esse e por acção dos ventos, das abelhas, ou de alguns outros insectos e ainda por outras causas accidentaes. Em todo o caso já a produção é inferior e se o lavrador o não reconhece é porque attribue essa diminuição a outras causas quando a que realmente a provocou foi a falta de fecundação completa.

E' pois indispensavel para ter uma boa colheita de milho não lhe cortar a bandeira sem ella estar bem madura, isto é, sem ter deixado cair o pó que contem.

O contrario se dá com a batata: convem cortar-lhe todas as flôres para augmentar a produção.

E isto que parece contraditorio tem uma explicação facil.

O fructo da batateira não é o tuberculo subterraneo que nós aproveitamos para consumo; os fructos são umas pequenas bagas que apparecem no sitio em que estiveram as flores, e dentro d'essa boga é que estão as sementes. Reproduzindo a batata por essas sementes nós temos quasi a certeza de que não colhemos a variedade que semeamos visto que a semente reproduz a especie mas não a variedade. Assim se nós semeamos pevides d'uma pereira Amorim, por exemplo, temos a certeza de que nascem pereiras, mas não de Amorim, degeneram e sahe outra qualidade que pôde até ser muito diversa. O mesmo com todas as arvôres de fructo e com as roseiras, batatas, etc. Portanto nós não temos necessidade do fructo da batata senão quando queremos obter variedades novas; o que nos convem é provocar o maior desenvolvimento possível, nos tuberculos que se formam nas raizes, porque são esses que nós aproveitamos quer para consumo quer para a reprodução da variedade.

Ora não cortando as flôres, formam-se os fructos que roubam á terra alguns elementos que são necessarios aos tuberculos e que os tornam maiores; cortadas as flôres não se formam os fructos e assim esses elementos vão para onde nós queremos: para os tuberculos.

Estes tuberculos são umas excrescencias ou (permittam-nos os illustrados o termo) uns *tumores* que algumas raizes adquirem. Uns são-nos muito vantajosos e outros muito prejudiciaes e symptoma de doenças graves.

Uteis são as excrescencias da raiz da batata, do topinacabo, e ainda, como já explicamos em outra chronica, as das leguminosas; prejudiciaes as da couve, vulgarmente chamadas *pôtra*, a da videira que pode ser provocada por a picadella do *phylloxera vastatrix*, por a aguilhula da vinha, etc., e que causam geralmente a morte da planta atacada.

### A CANALHA

(Memorial oferecido ás piedosas locubrões do Ex.mo Snr. Jacinto Candido, chefe do partido nacionalista, ex-ministro, par do reino, proprietario).

Pôvo, meu rude irmão, tu és a vil canalha porque de sol a sol na tragica batalha da vida das ovelhas, fructo do teu labôr, a carne dos teus bois, teu sangue o lavrador! porque descendo á mina extráes a oculta hulha

e no fundo, azul, már que livido marulha vaes pesquisar o peixe, á custa da existencia; Pague empregando o braço, o teu suor, a ciencia,

constrôes a casa, o leito, a maquina, a charrua, o comboio e o auto, o barco que flutua, o parque que dá sombra, a estatua que extasia,

a musica marcial, a nave de esquadria:

porque nos das o leite, o vinho, o livro amado, o soldado teu peito honesto e são quando tu vaes, — de arma ao hombro morrer por tua patria mãe.

De ti, do teu snór, do teu jerar provem até o oiro, a luz, a Igreja, o antigo trono; tudo o que é teu lidar e que é por fim— teu domo!...

Ah! pôvo és a canalha, a escoria, o irreverente;

dizem, quando tu és—o Esforço, o onipotente;

o Trabalho, o Motor, o Alimento, a Vida!

Ah! sim, és a canalha, a plebe, a perseguida. Com Cristo erráste aos sóes nos bôrtos da Judea,

nas vinhas de Efrain, nos lagos, pela ideia pregando o bom sermão, amando a mere-

triz,

toda a escória que Roma e que Caifaz não quiz.

Depois foste no circo o destinado ás feras

Hoje és, nestas viris, civilizadas eras, ainda o velho escravo, o trapo, a coisa

Constrôes paços reaes mas vives num covil lapidas o brilhante e és pobre como Job,

fazes jerar a orquidea e rojas-te no pó; arroteias a terra—e a oliveira, a seara,

o pinheiral, a horta, a lan, a fructa rara, o gado, o vinho, o mel—ah! nada disso é

teu!...

Se ha injustiça maior o camponez plebeu?

Se ha injustiça maior! nas fabricas soturnas

entras como um rebanho em cabisbaixas

turna

para crear a holanda, a seda, o deleitozo;

a arte, o luxo, o eximio, o *hibelot* custozo.

Mina-te a anemia, a tísica, o máo ar,

na officina, no alto forno ou no tear.

O teu salario é fome e é a compra oidentia

desse teu corpo infliz que até morrer sus-

tenta

com o trabalho a gula ao capital voraz,

tu o trabalhador, o braço bom que faz

a fabrica, a alavanca, o esquadro, a energia;

tu que na mina aonde a alvorada, o dia,

jamais viste beijar a curva do teu rosto,

tu no *grisil* comendo o teu feraz desgosto,

morrendo enfim! na treva ao coice da ex-

ploração;

Ah! sim és a Canalha, és a Desolação:

porque se tudo és tu—nada possues de teu,

apenas a promessa, o vago—um dia... o

céo...

Ah! eles dizem bem—fartos exploradores,

sabem lá quanto custa o seu regalo em do-

res,

sabem lá quem é o pôvo e quem vivaz tra-

balha;

sabem lá, sabem lá... o pôvo é... a

Canalha!

Antono Valente.

### VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

### AGUAS POTAVEIS

O sol, alma-mate de toda a criação, incidindo sobre a immensidade dos mare, faz evaporar a agua que, elvando-se na athmosphera, se condensa em nuvens, as quaes, arrstadas pelos ventos, vão despeja-se sobre o solo sob a fórma de neve ou chuva, segundo o clima ou a estação, impregnal-o ou corer á sua superficie, formando as fontes, os ribeiros ou os rios que voltam a ser tragados pelo oceano. E' a esta circulação, que se deve o movimento e a via do globo, a qual guiada e doinada pela intelligencia humana presta á industria a sua inclculavel força, poupando a do hmem e libertando-o de ser escravo da sua propria sustentaçõ.

Além das applicações industriaes sob a fórmi de força ou em natureza, a agua tem hoje uma larga e imperscível utilização na hygiene publica urbana e em quasi todos os imos da hygiene privada. Para ni fatigar o leitor, alongando estes implem periodos, limitar-me ia, pœm, por o julgar mais util, a ar umas breves noções sobre as aguas potaveis, isto é sobre o seu eprego na alimentaçõ.

A agua é absolutamente necessaria para a nutrição.

Calcula-se em 2000 a 3000 gr. a agua expellida pela respiração, pela transpiração e pela urina, sendo evidentemente necessario renovar-a por ingestão, o que o organismo reclama pela sensação de sede.

Não é, porém, qualquer agua, que serve para a alimentação, antes deve satisfazer a certos requisitos para não se tornar incompativel com a saude ou com a vida.

Devemos escolher agua limpa, inodora, e que tenha um ligeiro sabor agradável. O cheiro e o sabor são facéis de apreciar; a limpidez conhece-se, examinando uma superficie branca através de uma camada d'agua por comparação com agua distillada. Outra qualidade ainda a exigir é que ella coza bem os legumes e dissolva o sabão sem de-xar grumos. Quando assim não succeda, a agua chama-se crua ou dura e contém muitos saes calcaresos ou de magnesia e é impropria para o consumo.

Póde ainda a agua dever ser rejeitada por conter outras substancias mineraes, taes como hydrogeneo sulfurado (cheiro a ovos chocos), arsenico, chumbo, saes de cobre, etc., que só se podem reconhecer por processo chimico, que seria fastidioso expôr mesmo porque aquellas inquinacões são rarissimas.

A peor inquinacão das aguas faz-se pelas substancias organicas, que são ou productos excrementicios e de putrefacão ou organismos vivos. As primeiras existem principalmente nas aguas estagnadas, taes como poços, onde chegam por infiltração dos terrenos circumjacentes dos liquidos dos fossos, latrinas, estabulos, etc.

Os seres vivos, que podem habitar a agua, tornando-a nociva, são de varias especies: visiveis a olho nú, como por exemplo as algas, as sanguisugas, os ovos das diversas toemias, (bichas solitarias), ovos das lombrigas, filarias, etc.; e os microorganismos só reconheciveis ao microscopio, vulgarmente chamados *microbios* e que são os agentes de muitas doencas, que grassam constantemente entre nós ou que nos podem visitar sob a fórma de epidemias. São estes os mais perigosos, por isso mesmo que se não vêem e é por causa d'elles, que devemos depurar a agua. As doencas, que podem contrahir-se pelo consumo de agua inquinada são principalmente a febre typhoide, a diarrhêa, a dysenteria, o paludismo ou sezões, a colera, etc.

A depuração da agua—e devemos fazel-a sempre que d'ella suspeitarmos ou grassar qualquer epidemia—faz-se ordinariamente por dois processos: *ebullição e filtração*. O primeiro consiste em a fazer ferver durante uma hora em vaso limpo e que não communique gosto, deixando-a depois esfriar, agitando-a para arejar de novo, e recolhe-se em recipiente, que a não deixe contaminar pelas poeiras da atmosphera.

A filtração faz-se por meio de aparelhos especiaes, em que não convém acreditar muito, porque são em regra mal construidos e illudem a operação.

Não vá sem d'zer que devemos preferir as aguas correntes e d'estas as fontes. Em Ovar felizmente a agua de quasi todas as fon-

tes é pura, porque sae filtrada através de enormes massas de areia.

Pena é que n'algumas as inundações dos rios mancham os depositos, cuja limpeza é votada ao esquecimento pelo não te rales habitual dos nossos costumes.

Salus.

## NOTICIARIO

## Dia a Dia

No dia 13 baptizou-se solemnemente na igreja parochial a primogenita filhinha do nosso estimado amigo, dr. Salviano Pereira da Cunha, distincto facultativo d'esta villa.

A neophyta recebeu o nome de Maria de Lourdes, servindo de padrinho seu avô paterno sr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa e de madrinha a avó materna sr.ª D. Maria Lopes de Carvalho.

—Acompanhado da sua esposa partiu sabbado para Lisboa com destino á cidade de Santos o sr. Francisco da Silva Valente. Feliz viagem.

—Chegou ha dias de Manaos o sr. José Corrêa Lopes.

—Em viagem ao Rio de Janeiro e Santos embarcou segunda-feira em Leixões o sr. Salvador Marques da Costa, de Cortegaça.

Bons ventos e breve regresso. —Está entre nós com pouca demora o nosso amigo dr. Mario Pereira da Cunha, habil facultativo municipal em Cantanhede.

## Festividades e arraiaes

Como estava aannunciada, effectou-se sabbado e domingo passado a festividade de Santo Antonio, sendo o programma dos festejos cumprido, á excepção da procissão, que não se effectuou por falta de numero sufficiente de pessoas.

Os oradores agradaram sobre-modo, fazendo de manhã o sr. P.º Antonio Borges um bello discurso e prendendo de tarde o rev.º Carvalho Maia a attenção do auditorio, que por vezes era arrebatado pela palavra fluente do orador, tal o brilho de forma e grandeza de ideias que imprimiu á sua oração.

As illuminações estiveram boas e as musicas houveram-se com distincção.

O templo achava-se ornamentado com esmero e bom gosto, pelo que se tornam credoras de rasgado elogio as gentis mordomas, que formam um grupo das mais sympaticas tricaninhas da nossa terra.

—No aprazivel logar de S. João realizam-se nos proximos dias 23 e 24 brilhantes festejos ao Santo Precursor, nos quaes tomam parte a afamada philarmónica de S. Thiago de Riba Ul e a Ovarense, d'esta villa.

O programma d'esta festa, é igual ao dos annos anteriores isto é, no dia 23, arraial nocturno com illuminação abundante e excellente fog, d'artificio e no dia 24 de manhã missa cautada a grande instrumental, sermão e procissão e de tarde grande arraial em que se fazem ouvir até á noite aquellas bandas.

## Incendio

Pelas 2 horas da madrugada de 10 do corrente manifestou-se

incendio n'uma pequena casa do sr. Francisco Peixoto Pinto Ferreira contigua á da sua habitação, na rua da Graça. As labaredas, irrompendo com violencia d'aquelle predio, que ficou por ellas destruido, communicaram a este, queimando parte do madeiramento do telhado e o tecto d'um quarto do segundo andar.

O fogo que foi presentido por um individuo que áquella hora alli passava e, dado o signal d'alarme, compareceram com a bomba n.º 1 e carro de material os bombeiros voluntarios que dirigiram o ataque d'uma maneira digna de louvor, pois a elles se deve não ser pasto das chammas a casa de habitação e talvez todos os predios que constituem o quarteirão da rua de que aquelle faz parte.

Os trabalhos d'extincção prolongaram-se até perto das 4 horas.

Os prejuizos causados pelo incendio nos predios e pela agua caída em artigos e generos da mercearia são relativamente importantes.

Presume-se que o fogo fosse produzido pela combustão d'umas barreduras de cal virgem, sobre que se lançaram uns burrifos d'agua.

## Fallecimentos

Falleceu no dia 11 após curta doença, sepultando-se no dia immediato, a sr.ª Maria do Carmo Corrêa Pacheco, esposa do nosso amigo e correligionario Augusto da Cunha Farraia, considerado relojoeiro d'esta villa.

Lamentando este duro golpe, associamo nos á sua dôr com o nosso pesame.

—Tambem falleceu no mesmo dia em Esmoriz a sr.ª Maria Pinto Ferreira, esposa do sr. José Pinto Fernandes Romeira, commerciante d'aquella freguezia.

O nosso cartão de condolencias.

## Exame do 2.º grau

Em deferimento á representação da Camara Municipal, foi permittido pelo governo que os exames de instrucção primaria do 2.º grau para os alumnos do concelho se realizem n'esta villa o que já foi oficialmente communicado ao digno sub inspector d'este circular José de Castro Sequeira Vidal.

## Pagamento de juros

Na recebedoria do concelho estão-se pagando, das 9 horas da manhã ás 2 da tarde, os juros d'inscrições e coupens, relativos ao primeiro semestre do anno corrente.

## Excursão

Foi transferida para o proximo dia de S. Pedro, 29 do corrente, a excursão a Coimbra promovida pelos bombeiros voluntarios, que estava projectada para hoje.

A inscrição continua aberta até domingo proximo.

## Desacatos

E' frequente ouvir-se no bairro da Estação discussões e troca de ditos pouco edficantes em que tomam parte algumas desgraçadas que alli moram.

Como em muitos outros dias, ainda na segunda-feira se exhibiram essas linguas de prata, di-

zendo em publico toda a casta de inconveniencias e obscenidades.

Para o saneamento moral d'aquelle bairro pedimos a intervenção do sr. administrador do concelho.

## «O Charadist»

Com este titulo, appareceu no dia 11 entre nós um pequeno semanario humoristico e charadistico, de que são respectivamente director e administrador os snrs. Antonio A. Veiga e José P. Ramos.

Apresenta variada collaboração, com especialidade na parte charadistica.

Longa vida.

## O MEU CORAÇÃO

Eu tive um coração ardente e apaixonado que muito amor sentiu, que só de amor viveu, mas esse coração, ha muito, arrefeceu batido pela Dôr que o tem despedaçado.

Cahiu qual luctador na arena, extenuado, a quem a ferrea mão do contendor venceu. Cahiu, e se de todo em todo não morreu, apenas hoje vive, o triste, do Passado.

Vulcão que já não tem o fogo nas entranhas nem lava incandescente, como a tinha outrora, no tempo em que do Amôr cantava mil fanhanhas,

meu pobre coração tão pouco sente agora, cansado de soffrer taes dôres e tamanhas, que eu proprio já nem sei se elle em meu peito móra.

Junho—908.

Boanerges.

## Liga de educação nacional

## O seu programma

(Continuação)

Este contacto forçado com a corrente moderna fez nascer na sociedade portugueza necessidades novas, despertar energias latentes, desejos de se organizar e desenvolver como os outros paizes. Puzemo-nos então a copiar. Dadas, porém, as condições especiaes da nossa mentalidade, a copia foi simplesmente exterior, e a civilização europeia, em logar de nos educar, perverteu-nos. D'este modo, chegamos á situação presente, verdadeira crise social e moral: crise social caracterizada pela incapacidade de os dirigentes nos fazerem sahir do estado em que nos encontramos, crise moral caracterizada pela impossibilidade de transformar n'uma vontade reflectida as nossas tendencias e os nossos impulsos. Esta dupla crise explica todo o nosso modo de ser actual.

Qual o remedio? Muito simples de indicar. Satisfazer as aspirações mais intimas da nossa sociedade, tentando organisal-a, dar-lhe uma alma nova, um novo ideal, que desperte e torne conscientes todas as actividades individuaes; atacar o mal nas suas verdadeiras causas, crear uma nova patria, que possa um dia contribuir eficazmente para a civilização moderna.

Temos nós recursos para subsistir como povo independente? Temos, e tudo depende de os saber aproveitar. Ha elementos de primeira ordem, bem oradispersos, uma classe média que começa a formar-se, uma grande massa trabalhadora revelando desejos de se organizar e uma mocidade academica animada de sinceridade e de entusiasmo. Não fa tam ao paiz condições physicas e biologicas. Todos esses elementos de vida só esperam um impulso iniciador e coordenador.

Continúa

## INDICAÇÕES UTEIS

## COMMERCIO

(Noticias da ultima semana)

## CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 5\$040 a 5\$070 réis.  
Valor da libra, papel, de 4\$990 a 5\$020 réis.

No Brazil: cambio — 15 1/4 — s/ Londres, valor da libra, 15\$736 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$736 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48—5\$000 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$815 réis, moeda portugueza.

## PREÇOS DOS GENEROS

No nosso mercado

## ARROZ

Setubal, 1.ª qual., 15 kilos	1\$550 réis
2.ª qual., 15 kilos	1\$450 »
Rajado, 1.ª qual., 15 kilos	1\$500 »
2.ª qual., 15 kilos	1\$400 »
3.ª qual., 15 kilos	1\$350 »
Com tendencia a baixar.	

Azeite, 1.ª qual., 26 litros	7\$700 »
2.ª qual., 26 litros	7\$400 »
3.ª qual., 26 litros	6\$900 »
Alcool puro, 26 litros	7\$300 »
Aguardente de vinho, 26 litros	4\$200 »
» bagaceira, 26 litros	3\$500 »
» de figo, 26 litros	2\$400 »
Batatas, 15 kilos	400 »
Centeio, 20 litros	800 »
Fava, 20 litros	730 »
Farmha de milho, 20 litros	740 »
Feijão vermelho, 20 litros	1\$200 »
» branco, 20 litros	1\$200 »
» mistura, 20 litros	1\$000 »
Geropiga fina, 26 litros	2\$400 »
» baixa, 26 litros	1\$800 »
Milho branco, 20 litros	710 »
» amarello, 20 litros	660 »
Vinho tinto, 26 litros	1\$000 »
» branco, 26 litros	1\$100 »
» verde, 26 litros	1\$200 »
Vinagre tinto, 26 litros	750 »
» branco, 26 litros	900 »

## PESCADO

No Furdouro

Companha Boa Esperança	
—Rendimento de janeiro a maio	11:100\$450 réis
Companha do Socorro	
—Rendimento de janeiro a maio	3:821\$610 réis
Companha S. Pedro	
—Rendimento de janeiro a maio	1:970\$260 réis
Companha S. José	
—Rendimento de janeiro a maio	2:135\$160 réis
Companha S. Luiz	
—Rendimento de janeiro a maio	3\$670 réis
Pescado de diversos	
—Rendimento de janeiro a maio	21\$700 réis

No nosso mercado (Campos)

Pescado de diversos	
—Rendimento de janeiro a maio	2:565\$250 réis

## CORREIO

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas: até 20 grammas ou fracção 25 réis.  
Jornaes: cada 50 grammas ou frac. 2 1/2 réis.  
Registo: além do respectivo porte 50 réis.  
Vales: por cada 5\$000 réis ou frac. 25 réis.  
Encomendas postaes: Continente e Ilhas, 200 réis até 3 kilos, 250 réis até 4 kilos e 300 réis até 5 kilos.  
Amstras: Cada 50 grammas ou fracção, 5 réis. Limite de peso 250 grammas.  
Telegrammas: no paiz, taxa fixa 50 réis, por palavra 10 réis.

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas: até 20 grammas 50 réis.  
Por cada 20 grammas a mais ou fracção 30 réis.  
Jornaes e impressos: cada 50 grammas ou fracção 10 réis; peso maximo 2 kilos.  
Jornaes para o Brazil: cada 50 grammas ou fracção 5 réis.  
Bilhetes postaes: cada 20 réis.  
Registo: além do respectivo porte 50 réis.

## MALAS POSTAES

Partidas de Ovar para

Africa Occidental, em 21 e 6 julho  
Africa Oriental, em 28 e 30.  
Bahia, em 20, 22, 23, 24, 26, 28 e 29.  
Manaus, hoje e 28.  
Pará, hoje, 23 e 28.  
Pernambuco, em 20, 22, 23, 24, 26 e 28.  
Rio de Janeiro, em 20, 21, 22, 23, 24 e 25.  
Rio Grande do Sul, em 22, 23 e 27.  
Santos, em 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26.  
Registos: um dia antes.

## VALLES

Por determinação do governo, passou ser de 30 dias, depois da respectiva emissão, o praso para o recebimento de valles do correio nas recebedorias dos concelhos, ficando d'esta forma restringido a metade o antigo praso de 60 dias.

# ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE  
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços cmomodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençãos de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

# GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE  
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA  
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

# MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima  
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares

COM  
ARMAZEM D'ARROZ

NA  
Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e mais cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BENEFACIO & C.ª

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a

20 de Novembro.

# HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

	Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.								
							Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.	
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
	Carvalh.ª	6,48	—	8,28	—	11,11		3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	—	—	8,18	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16		—	—	—	6,14	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.								
							Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.	
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54		—	4,15	5,85	6,23	7,25	—	11,4
	Carvalh.ª	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
	S. Bento	6,24	7,47	9,2	11,54	1,47		3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	12,26

# CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

# TANOARIA

EM  
ARMAZENS DE VINHOS

EM  
OVAR—Rua das Figueiras

DE  
Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool. aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.  
Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

# RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar — Rua da Praça

# Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recobidos das propriedades do Ill.º Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

# Companhia de Seguros "Portugal."

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emittido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.